

A força da boniteza no território vivido e outras resistências contemporâneas¹

Paulo Celso da SILVA²
Universidade de Sorocaba, São Paulo, SP

RESUMO

Esta é uma reflexão motivada pelos acontecimentos recentes e aqueles acumulados nos últimos cinco anos na sociedade brasileira, acompanhado da metamorfose pela qual passam todas as sociedades, ou seja, é uma reflexão que, em seu âmago, dialoga utilizando a escala mundo e as condições de nacional e internacional, como visões desse mundo. Este trajeto dialógico será transcorrido com Ulrick Beck, Milton Santos, Achille Mbembe, Boaventura Souza Santos, Marcos Reigota. Ao final, algumas posições são indicadas, isso porque ainda estamos em marcha no trajeto, procurando construir a boniteza proposta por Paulo Freire como saída para a humanidade..

PALAVRAS-CHAVE: Brasil contemporâneo, boniteza, Metamorfose, produção de ausência de sentido, Globalização.

TEXTO DO TRABALHO

Introdução

A vida cotidiana pós 2018, quando ocorreram as eleições presidenciais e na qual o candidato Jair Bolsonaro foi eleito, passou por uma metamorfose que a população ainda está vivenciando neste período pré-eleições 2022.

Metamorfose aqui será pensada a partir das propostas de Ulrick Beck para quem a metamorfose do mundo significa “uma mudança extraordinária de visões do mundo, a reconfiguração da visão do mundo nacional” (2018, p. 16) e internacional, com participação essencial da internet, possibilitando a criação de uma unidade de comunicação a potencializar a conexão da humanidade tornando as fronteiras metamorfoseadas, ora construídas, ora desconstruídas (Beck, 2018, p.17), é o que Milton Santos chamará da “fábula da Globalização” , uma escala em que o discurso capitalista

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor e Pesquisador no PPG Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, e-mail: paulo.silva@prof.uniso.br

da “aldeia Global” (2001) serve para mascarar os problemas vividos pelos mais pobres por meio de imagens do mundo

Para compreender o momento contemporâneo, lançamos mão ainda do conceito de produção de ausência de sentido, desenvolvido por Marcos Reigota (2019), que nos mostra como essa produção está em difusão “nos espaços mais sofisticados do poder bélico, econômico, social e cultural para difundir o elogio à ignorância e o menosprezo doas modos de viver convencionais” (2021, pág. 325). Completa o quadro teórico as reflexões de Boaventura Souza Santos com a sociologia das ausências e das emergências (2002) e de Achille Mbembe acerca da necropolítica que são “as formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte (necropolítica) reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror” (2016).

Estas propostas dialogarão com o concreto da vida cotidiana em flashes que, isolados, podem não ter relação, mas no processo geral sim. Um diz respeito ao caso do jornalista Dom Phillips e do indigenista Bruno Pereira, mortos na Amazônia em 5 de junho de 2022 com desdobramentos midiáticos, políticos e sociais internacionais por envolverem questões caras do momento ecológico atual.

Desse caso internacional é possível extrair muitas das facetas da metamorfose por que passa a sociedade e que trazem o questionamento de Reigota (2021, pág. 325-326): “O que aconteceu na sociedade brasileira contemporânea para que pessoas que antes faziam parte do nosso círculo social e afetivo mais próximo tenham se tornado nossos detratores, juízes e algozes que proferem sentenças cruéis e injustas?”

Mas a metamorfose pode/deve trazer a boniteza. Essa palavra-conceito que Paulo Freire tanto utilizava e ressignificou para, também, propor uma outra humanidade em um outro mundo, nem só de fábula e nem só de perversidade, mas de beleza e justiça.



CREDITO DE IMAGEN

Horacio Zabala, *Hacha* (Axe), 1972-1998. Iron ax, printed map, wood base. Courtesy of the artist and Henrique Faria, New York and Buenos Aires, and Estudio Giménez-Duhau.

A metamorfose

Em 1973, uma canção que alcançou sucesso nas paradas musicais das rádios e nas vendas de disco foi *Metamorfose Ambulante*, do cantor Raul Seixas. Esse período, um dos mais duros da ditadura militar-civil, iniciada com o golpe em 1964, clamava para os brasileiros, principalmente para os mais jovens, a necessidade do não contentamento com a situação vigente, com o tradicionalismo, e que era melhor a metamorfose “do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”. E ao final ensinava: “Eu vou desdizer aquilo tudo que eu lhe disse antes/Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante” (1973).

Os anos 1970 foram os anos do chamado “milagre econômico brasileiro”, na qual algumas classes trabalhadores tiveram ganhos sociais e foram chamadas e apresentadas ao consumo de massa; a indústria começava a se descentralizar de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro rumo ao interior dos estados ou mesmo de outros estados da federação; o modelo fordista de produção da vida, que lutava para sobreviver nos países em desenvolvimento, ainda tinha garantido no país seu modelo de produção industrial, mas além da disciplina e a rigidez já conhecidas pelo trabalhador e a sociedade desde os inícios do século XX, o milagre incluía o consumo de massa, assim, produção e consumo

de massa, baseados em um modelo estadunidense de vida. Nas palavras de Gramsci o *American way of live* e o fordismo formam “o maior esforço coletivo até agora realizado para criar, com rapidez inaudita e com uma consciência do objetivo jamais vista na história, um novo tipo de trabalhador e de homem” (Gramsci, 2014, pág. 266). Esse modelo acentuou ainda mais as desigualdades existentes, não apenas entre os homens, mas também entre lugares. Um milagre que beneficiou a poucos.

Nesse contexto de sobrevivência do fordismo e ditadura política, censura e repressão social, a metamorfose tinha menos condições de fazer-se, daí o clamor para que fosse ao menos ambulante, livre, libertadora. Esse período durou até 15 de março de 1985, quando das primeiras eleições presidenciais desde o golpe militar-civil de 1964, criando a sexta república e, em 1988, é promulgada a nova em atual Constituição Brasileira, bastante criticada por valorizar mais o consumidor que o cidadão, nas palavras de Milton Santos: “em lugar do cidadão, formou-se um consumidor, que aceita ser chamado de usuário” (1992, pág. 13) que, apoiado pela sedução dos produtos, das propagandas, do desejo desse status de consumidor/possuidor “garante o não- esgotamento da revolução das esperanças - isto é, das grandes esperanças de consumir – e ajuda a colocar como meta, não propriamente o indivíduo tornado cidadão, mas o indivíduo tornado consumidor” (1992, pág. 15).

Essa metamorfose do brasileiro, que nesse momento dos anos 1970-1980, podemos considerar aqui de caráter nacional, interno, como um ajuste socio espacial a privilegiar metrópoles e possibilitar a megalópole paulista e criando classes de cidadãos, quase-cidadãos e não-cidadãos distribuídos desigualmente por esses espaços, a que Santos denominou de Consumidor mais-que-perfeito (1992, pág. 41). Entretanto, a metamorfose contemporânea sugerida por Ulrick Beck amplia a escala geográfica de atuação dos atores, do nacional para o internacional sugerindo para o América Latina novas reflexões dos papéis a serem desempenhados no cenário global, das contribuições para as metamorfoses advindas, ainda que, em um primeiro momento, tais metamorfoses se mostrem como demandas contraditórias à noção de civilização moderna dominante no ocidente, tais como desmatamentos, violações de direitos humanos, desmatamentos, assassinatos de populações originárias, entre tantas outras experiências diárias na maioria dos países latino americanos, ou seja, tais “sociedades enfrentam agora os efeitos colaterais indesejáveis de sua própria dinâmica modernizantes, que elas muitas vezes

aceitam conscientemente como dano colateral (Beck, 2018, pág. 69). E essa é a reflexão, na perspectiva beckettiana, que a segunda modernidade exige de todos nós.

Sair de nossas análises baseadas em um “nacionalismo metodológico” rumo às baseadas em um “cosmopolitismo metodológico” (Beck, 2018, pág. 23), haja vista que o mundo não é mais conformado em estados nacionais, mas orbitando, como os demais estados tendo o mundo no centro, daquele momento inicial quando ainda se discutia a globalização, para o atual quando ela é nosso cotidiano, foram muitas as vivências que nos fizeram assumir o global como uma realidade presente. Aceitação, às vezes, voluntária e outras tantas, involuntariamente, assumidas por parecer não haver outra alternativa, o teórico alemão exemplifica com a crise ecológica e do aquecimento globais.

Atentando às suas propostas e pensando a questão dos povos originários brasileiros, que sofrem a opressão, descaso, ataques e matança de grupos liderados pelo governo central promove (travestidos de nacionalismos desenvolvimentistas) também abre possibilidades e necessidades assumidas por grupos de defesa locais e internacionais, trazendo à tona ‘espaços de ação cosmopolizados’ até então potencializados, mas não efetivados e não institucionalizados, no caso brasileiro, houve momentos em que a institucionalização foi proposta – com apoio financeiro internacional – mas rejeitado pelo governo federal – que clamava (e ainda clama) ser “ a Amazonia brasileira” e que o dinheiro internacional a tiraria de seu “verdadeiro dono” (Folha de S. Paulo, 2022).

Outro momento que nos confronta com os ‘espaços de ação cosmopolizados’ ocorre quando legisladores brasileiros aprovam o uso em grande escala e diversificado de agrotóxicos, a muito tempo proibidos nos países europeus, demonstrando que a legislação nacional é relativa: se não é possível na Europa, na América Latina sim! A metamorfose, no caso, está no fato de que muitos países que proíbem o agrotóxico depois compram produtos agrícolas brasileiros reavivando um debate entre a população mais esclarecida desses países.

O mesmo exemplo, serve para indicarmos também a teoria da Sociedade de Risco do mesmo Ulrich Beck. O conceito coaduna-se ao empírico e às reflexões acerca da metamorfose pois ela sintetiza dois processos conhecidos: o das ciências sociais que reflete acerca dos bens, produção e distribuição (como educação, saúde, habitação, por exemplo) e a sociedade de risco global/mundial que tem suas bases nos males que afligem às populações (por exemplo, cambio climático, crises financeiras, contaminações de várias formas). Assim, os bens e os males são refletidos em sua interligação nos processos

globais, reforçando a ideia de que para problemas globais, soluções globais; ao qual acrescentaríamos: um público global também mediado por tecnologias de comunicação:

Ao mesmo tempo, as novas variantes tecnológicas da comunicação digital, em processo de rápida evolução, estão transformando o conceito de público. Consumidores de notícias se tornam produtores de notícias. Fronteiras e tópicos nacionais se tornam menos importantes. Novas paisagens de comunicação emergem – fragmentadas, individualizadas e espalhando-se simultaneamente em redes nas quais o poder dos meios de comunicação é quebrado. No processo, conceitos essenciais como “participação”, “integração”, considerados invariantes na perspectiva da mudança social, estão mudando. (BECK, 2018, p.175/176)

Faz-se necessário atentar para as novas formas de desigualdade criadas pelos muitos processos da globalização e suas, também, múltiplas temporalidades. Ou seja, nem toda transformação tecnológica ou metamorfose acontece ao mesmo tempo e no mesmo espaço. Com isso, queremos retomar a proposta do título, de que os habitantes no Brasil atual, mais especificamente, de 2018 a 2022, vivem, convivem e sobrevivem com o último alento do capitalismo tradicional, aquele de caráter nacional que responde às demandas e mandos do capital internacional, tendo setores conservadores das múltiplas denominações religiosas, militares, latifundiários do agronegócio, crime organizado de drogas, armas e tráfico de pessoas, grileiros e invasores de terras, garimpeiros e pescadores ilegais representados politicamente em todas as esferas do poder executivo e legislativo municipal, estadual e federal, assim como no judiciário, por meio de indicações políticas.

O resultado visível das ruas e empiricizado em trabalhos acadêmicos e nos índices publicados nas mídias do Brasil é que a perversidade da globalização marcada por mais de dois anos de pandemia e desse alento ao capitalismo tradicional, trouxe ainda mais pobreza ao país, penalizando as classes sociais D/E, que correspondem hoje a praticamente 51%, em dados de 2022:

Estratificação dos domicílios em 2022 ³ :
Classe A: 2,8% (renda mensal domiciliar superior a R\$ 22 mil (US\$ 4.216,2556)
Classe B: 13,2% (renda mensal domiciliar entre R\$ 7,1 mil e R\$ 22 mil (US\$ 1.360,7007 a US\$ 4.216,2556)
Classe C: 33,3% (renda mensal domiciliar entre R\$ 2,9 mil e R\$ 7,1 mil (de US\$ 555,7791 a US\$ 4.216,2556)
Classes D/E: 50,7% (renda mensal domiciliar até R\$ 2,9 mil de US\$ 0 a 555,7791)
Fonte: Equipe InfoMoney. Disponível em: https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/classes-d-e-e-continuarao-a-ser-mais-da-metade-da-populacao-ate-2024-projeta-consultoria/

Contudo, a proposta teórica de refletir pela metamorfose deve dialogar com a questão territorial, afinal a globalização é vivida nos lugares, nos territórios vividos e com a experiência necropolítica atual.



Figura 1 Favela brasileira - Fonte FIOCRUZ, 2022



Figura 2 Favela brasileira – JORNAL USP

Necropolítica no Território vivido

O conceito de Território vivido resulta de mais de duas décadas de estudo, do geógrafo Milton Santos, acerca do problema do espaço social ou espaço geográfico. A noção de espaço geográfico foi por ele definida, em 1996, como “um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de ações” (Santos, 1996, pág. 19) possibilitando

³ Com base na cotação de 29 de junho de 2022, US\$ 1 = R\$ 5,2173. Cotação com o Conversor de Moeda do Banco Central do Brasil. Disponível em <https://www.bcb.gov.br/conversao> . Acesso em 29 jun. 2022

uma abrangência mais complexa do espaço. Como desenvolvimento dessas reflexões, em 2000, analisando as novas relações advindas da globalização, Santos vai afirmar que o espaço é sinônimo de território, mas de território usado, território vivido, no qual atores hegemônicos (que são as grandes empresas industriais e as financeiras) e os não hegemônicos (todos os demais atores) produzem e reproduzem esse espaço: “uma perspectiva do território usado conduz à ideia de espaço banal, o espaço de todos, todo o espaço. Trata-se do espaço de todos os homens, não importa suas diferenças” (Santos, 2000, pág. 3).

A globalização e a metamorfose indicadas por Beck são vividas nos territórios e com as especificidades de cada um, no interior da dinâmica territorial com seus usos. Assim, “para os atores hegemônicos, o território usado é um recurso, garantia da realização de seus interesses particulares... Os atores hegemônizados têm o território como um abrigo, buscando constantemente se adaptar ao meio geográfico local” (Santos, 2000, pág. 12).

Ao pensarmos a situação brasileira, vemos atores hegemônizados pelo capital internacional e sedentos e alienados por participar do grupo hegemônico, defendendo interesses contrários as demandas mundiais de preservação do meio ambiente, de defesa da ciência como patrimônio importante para o desenvolvimento das pessoas e de defesa da vida como um todo, a exemplo das dificuldades que toda a população passou pela resistência do próprio Ministério da Saúde em comprar vacinas e/ou em divulgar dados dos casos e óbitos, ação que coube ao consórcio de meios de comunicação:

Em resposta à decisão do governo Jair Bolsonaro de restringir o acesso a dados sobre a pandemia de Covid-19, os veículos G1, O Globo, Extra, O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e UOL decidiram formar uma parceria e trabalhar de forma colaborativa para buscar as informações necessárias nos 26 estados e no Distrito Federal. O governo federal, por meio do Ministério da Saúde, deveria ser a fonte natural desses números, mas atitudes recentes de autoridades e do próprio presidente colocam em dúvida a disponibilidade dos dados e sua precisão. Mudanças feitas pelo Ministério da Saúde na publicação de seu balanço da pandemia reduziram a quantidade e a qualidade dos dados. Primeiro, o horário de divulgação, que era às 17h na gestão do ministro Luiz Henrique Mandetta (até 17 de abril 2020), passou para as 19h e depois para as 22h. Isso dificulta ou inviabiliza a publicação dos dados em telejornais e veículos impressos. “Acabou matéria no

Jornal Nacional”, disse o presidente Jair Bolsonaro, em tom de deboche, ao comentar a mudança (G1, O Globo, Extra... 2020)

Os meios de comunicação ocuparam a brecha deixada pelo Ministério da Saúde que, respondendo positivamente à solicitação do Presidente da República, que queria evitar críticas pelas mais de 3000 mortes diárias, deixou de publicar os dados oficiais, e cada estado da federação nutria de dados o consórcio dos meios de comunicação. O Ministério da Saúde recusou-se, também a pedido do Governo Federal, a coordenar uma campanha nacional de combate ao Covid-19, cada estado agiu conforme as possibilidades sanitárias, logística e econômicas que possuía, inclusive na compra e desenvolvimento dos insumos para a vacina, o governo do Estado de São Paulo saiu a frente das negociações, forçando um posicionamento de compra e distribuição das vacinas por parte do governo federal.

Novamente, o problema criado globalmente era vivido territorialmente e a solução buscada pelos laboratórios de desenvolvimento na área de saúde, como foi o caso dos Instituto Butantã de São Paulo e da Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz), mesmo tendo o Governo Federal a dificultar as aquisições, contatos, contratos de compras e parcerias científicas, pois a posição do Presidente e dos Ministérios federais era de negação da Pandemia e, posteriormente, da necessidade de vacinação da população.

Podemos incluir no diálogo o conceito de Necropolítica, desenvolvido por Achille Mbembe para tratar do exercício de dominação sobre a vida e a morte. A “expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Ser soberano é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder” (2016, pág. 123). E tantas foram as denúncias da política de morte do governo Brasileiro, não só nos momentos agudos da pandemia atual, mas a diário por suas recusas e não-ações em auxiliar populações indígenas e ribeirinhas.

Os conflitos no território vivido, as tensões entre hegemônicos e não-hegemônicos foram vivenciadas na Amazônia com o desaparecimento do jornalista inglês Don Phillips e do indigenista Bruno Pereira no dia 5 de junho de 2022 no Vale do Javari e, após pressão nacional e internacional, houve alguma movimentação das Polícias locais e Federal. Ambos, era militantes defensores dos povos indígenas e denunciavam a pesca ilegal nas

terras indígenas. Dez dias depois, com a prisão de dois suspeitos, houve a notícia de que eles haviam sido mortos no dia do desaparecimento.

A RFI (Radio Francesa Internacional) em sua web página repercuteia:

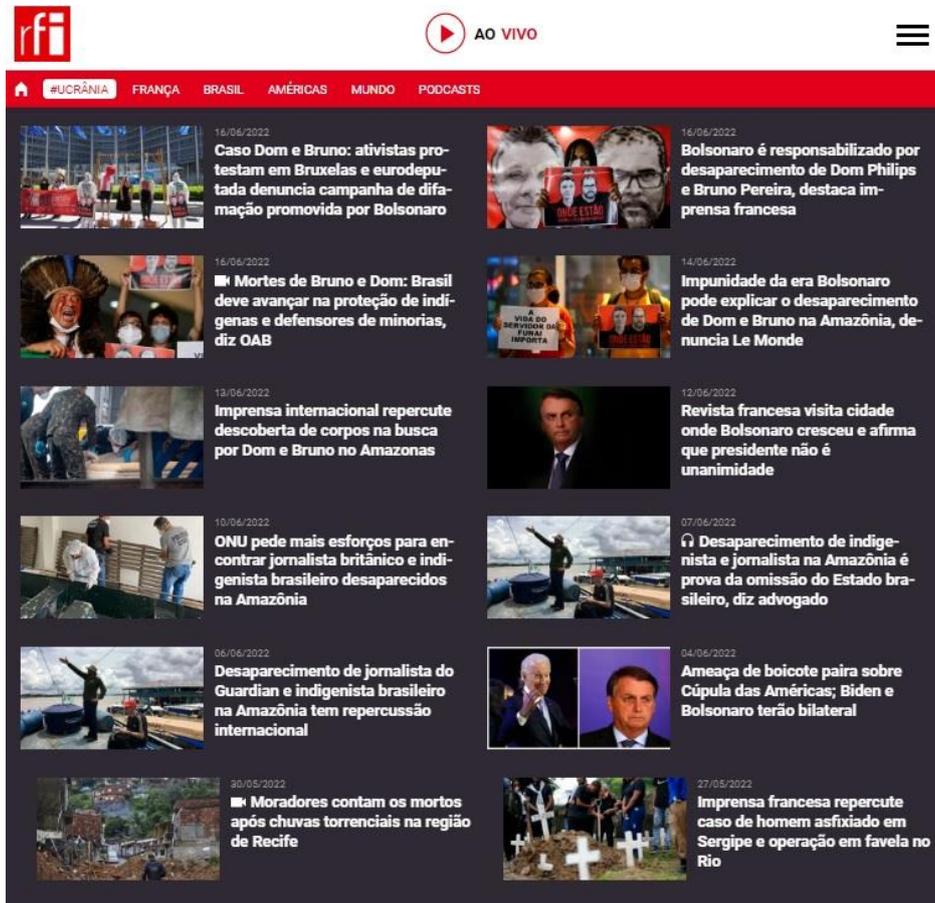


Figura 2 Web da Rádio França Internacional – fonte: <https://www.rfi.fr/br/brasil/20220623-bolsonaro-pede-reforma-do-banco-mundial-fmi-e-na-c3%A7%C3%B5es-unidas-na-c3%BApula-dos-brics>

Oficialmente, o Governo Federal não se pronunciou para lamentar ou demonstrar aos familiares das vítimas mortas seu pesar. As palavras do Presidente da República foram de crítica aos ativistas e seu trabalho em prol das comunidades indígenas e que o jornalista “Esse inglês era malvisto na região, porque fazia muita matéria contra garimpeiros, questão ambiental, então, naquela região lá, que é bastante isolada, muita gente não gostava dele” (Nexus jornal, 2022) e anteriormente havia afirmado que a “eles não deveriam se aventurar por lá com um barco”.

À essas colocações e posicionamentos do Governo Central e seus representados na sociedade civil Reigota denomina de maquinaria de produção de ausência de sentido:

A maquinaria de produção de ausência de sentido está entranhada nos espaços mais sofisticados de poder bélico, econômico, político, social e cultural para

difundir o elogio da ignorância e o menosprezo aos modos de viver não convencionais. Ela faz com que vizinhos ou pessoas muito próximas - com as quais foram anteriormente estabelecidos sólidos laços afetivos – sejam elos e difusores da política de extermínio de vidas, de sensibilidades e de alternativas pacíficas viáveis, propositivas e criativas. O que aconteceu na sociedade brasileira contemporânea para que pessoas que antes faziam parte do nosso círculo social e afetivo mais próximo tenham se tornado nossos detratores, juízes e algozes que proferem sentenças cruéis e injustas? (2021, pág. 325)

Isso implica reconhecer que essa maquinaria de produção de ausência de sentido é um programa de governo, não é algo “que aconteceu”, ou “ele falou sem pensar”. Ao contrário, ele não só pensou, como pensa (!) e vive essa proposta-realidade como projeto de destruição. Destruição do projeto de futuro em prol do projeto reacionário de acumulação capitalista aqui territorializado. Destruição praticada como parte de uma tentativa de pertencimento aos poderes hegemônicos globais, dos quais, não participarão como poder, mas serão executores até o fim do interesse dos hegemônicos por essa representação no Brasil.

Entretanto, como indicado com Beck, são essas maquinarias que causam reações que podem levar às metamorfoses. Por exemplo, as posições assumidas pelo Presidente e seus representados fez com que a APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil) o denunciasse ao Tribunal Penal Internacional de Haia, nos Países Baixos, ampliando a denúncia anterior enviada em agosto de 2021 responsabilizando por crime de genocídio contra indígenas desde 2018, quando assume e ampliado nos períodos graves da pandemia. Essa postura e atitude dos movimentos levam reflexões à sociedade e isso germina a metamorfose, ou, ao menos, pode levar a metamorfose, lembrando que a metamorfose não é o que nós queremos ou aqueles posicionamentos que acreditamos ser o ideal, mas resultado de um processo construído socialmente.

À guisa de conclusão: A boniteza nos territórios vividos

Entretanto, diante desse quadro que se mostra desolador e desesperançoso faz-se necessário trazer Paulo Freire para o diálogo com nossos teóricos e incluir o conceito revolucionário de boniteza que o pensador desenvolveu.

Antes, porém, a ressalva importante que, tanto Ulrich Beck quanto Milton Santos e Achille Mbembe, não otimistas quanto às possibilidades abertas em nossa contemporaneidade. O sociólogo alemão termina seu livro, acerca das metamorfoses, indicando que as desigualdades já não são/estão na ordem do dia e não podem mais ser toleradas, pois “são despojadas de sua legitimidade e por isso se tornam (abertamente ou não) um escândalo político” (2018, pág. 251). Já Milton Santos, encerra seu livro a respeito da globalização conclamando a todos para uma nova consciência de ser mundo e encerra com “a grande mutação contemporânea”, a saber (2000, pág. 174): “a mutação tecnológica e a mutação filosófica da espécie Humana”, a primeira possibilitada pelo desenvolvimento das tecnologias da informação e, a “mutação filosófica do homem, capaz de atribuir um novo sentido à existência de cada pessoa e, também, do planeta (2000, pág. 174). Já em Achille Mbembe conseguimos extrair a possibilidade, mesmo em uma sociedade baseada na necropolítica e necropoder, pois a metamorfose que traz o confronto também abriga o sobrevir.

Assim, encerrar com Paulo Freire e seu conceito de boniteza, reforça as propostas de uma metamorfose necessária para a contemporaneidade. Boniteza é sinônimo de bonito, mas para o educador brasileiro, “boniteza é conceito que tem a ver com a crença em um mundo mais justo. É posicionamento político, tem a ver com direitos civis e humanos. Fala do trabalho justamente remunerado, da comida na mesa, da escola popular e democraticamente de qualidade” (Freire, 2021, pág. 11).

A boniteza como uma “saída” para a humanidade não é um caminho trilhado messianicamente, por um grupo iluminado de fora da história. Ao contrário, pode ser produzido e reproduzido pelo homem concreto, cotidiano, aquele que se ocupa no território vivido de transformar a situação vigente. Paulo Freire via na educação libertadora o caminho para a metamorfose da sociedade, de uma globalizada perversa, fábula e do necropoder autoritário, para uma outra na qual se “trabalha no sentido de a liberdade assumir a disciplina como necessidade e boniteza” afirmava Freire (1989, pág. 4).

A boniteza ao mundo vivido traz o paradoxo de um mundo global, no qual as fronteiras se fecham mais e a discriminação e xenofobismo reforçam a noção de que a fronteira indica às pessoas que ‘_eu não sou ele, não sou daquele lugar e, portanto, lá só pode ser perigoso’. Esse “perigo” e a discriminação afloram pelo desconhecimento e o não-reconhecimento do Outro. Recorrendo ainda a Paulo Freire, temos: Qualquer

discriminação é imoral, e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar (1996, pág. 32).

A boniteza proposta por Paulo Freire, essa “categoria rigorosa e objetiva na sua teoria educacional... uma de suas categorias fundamentais de análise ético-estético-político-pedagógico-filosófico-antropológica de sua epistemologia” (Freire, 2021, pág. 20) pode nos ajudar a superar as forças e frentes do último suspiro do capitalismo tradicional e mostrar a força dos não-hegemônicos em seus territórios vividos.

REFERÊNCIAS

- Beck, Ulrich. **A metamorfose do mundo**. Novos conceitos para uma nova realidade. Rio de Janeiro, Zahar editores, 2018.
- Conversor de Moeda do Banco Central do Brasil. Disponível em <https://www.bcb.gov.br/conversao> . Acesso em 29 jun. 2022
- Equipe InfoMoney. **Classes D e E continuarão a ser mais da metade da população até 2024**, projeto consultoria, publicado em 26 abr. 2022. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/classes-d-e-e-continuarao-a-ser-mais-da-metade-da-populacao-ate-2024-projeta-consultoria/> Acesso em 29 jun. 2022.
- Folha de S. Paulo. **A Amazônia é do Brasil e não de vocês**. Disse Bolsonaro a jornalista desaparecido Edição online 08/06/2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/06/amazonia-e-do-brasil-nao-e-de-voce-disse-bolsonaro-a-jornalista-desaparecido-veja-video.shtml> Acesso em 27 jun. 2022.
- Freire, Ana Maria Araújo (org.). **A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire**. São Paulo, Paz e Terra, 2021
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- G1, O Globo, Extra, Estadão, Folha e UOL. **Veículos de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de Covid-19**, Publicado em 08/06/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml> Acesso em 28 jun. 2022.
- Gramsci, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- Mbembe, Achille. **Necropolítica**. São Paulo, n-1, 2018. Também disponível em: Revista Arte & Ensaios, Rio de Janeiro, 2016.
<<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>> Acesso em 24 jun. 2022.
- NEXUS Jornal. **Bolsonaro afirma que Dom Phillips era ‘malvisto’ na Amazônia**. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/extra/2022/06/15/Bolsonaro-afirma-que-Dom-Phillips-era-%E2%80%98malvisto%E2%80%99-na-Amaz%C3%B4nia> Acesso em 24 jun. 2022.
- Reigota, Marcos. **A produção de ausência de sentidos adentra o cotidiano escolar...e mata**.

(Conference Paper - Paulo Freire: educação e política no enfrentamento do obscurantismo-Instituto Sedes-SP-10/09/19), September 2019. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/335813778>> Acesso em 24 jun. 2022.

Rádio Francesa Internacional. **Imprensa internacional repercute descoberta de corpos na busca por Dom e Bruno no Amazonas** <https://www.rfi.fr/br/brasil/20220613-imprensa-internacional-repercute-descoberta-de-corpos-na-busca-por-dom-e-bruno-no-amazonas> Acesso em 13 jun. 2022.

Rádio Francesa Internacional. Publicado em: 23/06/2022 - 17:48. Disponível: <https://www.rfi.fr/br/brasil/20220623-bolsonaro-pede-reforma-do-banco-mundial-fmi-e-na%C3%A7%C3%B5es-unidas-na-c%C3%BApula-dos-brics> . Acesso em 23 jun. 2022.

Reigota, Marcos. **Fragmentos de Havana**: “al final de este viaje... com Nita e Paulo Freire IN Freire, Ana Maria Araújo (org.). A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire. São Paulo, Paz e Terra, 2021.

Santos, Boaventura Souza. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. Disponível em:

<http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RCCS_63.PDF> Acesso em 24 jun. 2022.

Santos, Milton. **O papel ativo da geografia**. Um manifesto. São Paulo, FFCH-USP, 2000.

Santos, Milton. **Por uma outra Globalização**. Do pensamento único à consciência universal. São Paulo, Record, 2001.

Santos, Milton. **A natureza do espaço**. técnica e tempo razão e emoção. São Paulo, Hucitec, 1996.

Santos, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Studio Nobel, 1992.

Seixas, Raul. **Krig-ha, Bandolo!** (LP) UMG (em nome de Universal Music Ltda), 1973.